VIVIANNE SOPHIE

O INFERNO DE VIRGINIA WASHINGTON

Uma garota, uma maldição
e um segredo SOMBRIO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.online

VIVIANNE SOPHIE

O INFERNO DE VIRGÍNIA WASHINGTON

Copyright ®Vivianne Sophie, 2018

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste arquivo pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora.

Revisão: Letícia Godoy

Diagramação Digital: Letícia Godoy

Capa: Mirella Santana (www.mirellasantana.com.br)

Imagem da capa: ©Jessica (faestock)

Dados para catalogação sistemática

Sophie, Vivianne.

Vivianne Sophie / O inferno de Virgínia Washington. 2018 – Ouro Preto (MG)

1. Literatura Brasileira 2. Suspense 3. Terror 4. Conto

Texto de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa, em vigor desde

2009.

“Para os meus pais, por me falarem ‘não’ quando necessário e por dizerem ‘sim’ incontáveis vezes.”

“Um sentimento que era um misto de horror e remorso; mas não passou de um sentimento superficial e equívoco, pois minha alma permaneceu impassível”.
— **Edgar Allan Poe**

PRÓLOGO

A chuva caia de forma incessante e sem dar trégua. Era típico naquela cidade chover por uma semana inteira e as noites parecerem não ter fim. Padre Ezequiel se sentia inquieto naquela noite em específico, sabia que seu ofício lhe exigia grandes esforços físicos e psicológicos, mas precisava continuar com sua missão. Era esta sua sina, expurgar o mal da face da terra.

Morar sozinho não lhe ajudava muito, ele havia acabado de deitar quando se lembrou dos medicamentos na pia do banheiro. Precisava daqueles comprimidos para evitar os sonhos indesejados e também para aplacar as dores que agora residiam em seu corpo. A carne quando começa a ficar velha, torna-se mais pesada, principalmente quando gasta mais energia. E ele se sentia pesado demais, cansado demais, todos os problemas pareciam ampliados.

Caminhou até o banheiro com passos cambaleantes, a vela do lampião tremeluzindo contra o vento frio que adentrava no corredor da mansão. Será que ele havia esquecido as janelas abertas de novo? Assustado, caminhou para a sala e viu uma das janelas escancaradas, aquela mesma que acreditava ter fechado, mas talvez sua mente lhe estivesse pregando peças, esse era o pensamento mais otimista que ele poderia ter, dada as circunstâncias.

Voltou a fazer seu percurso para o banheiro, e se assustou quando os pés descalços ficaram encharcados, a água vinha do banheiro que estava totalmente escuro. Ezequiel caminhou com mais receio desta vez, não ter eletricidade em casa era um grande problema, um que ele jurou solucionar se sobrevivesse àquela noite.

Chegou ao banheiro e iluminou todos os cantos, nada viu. Caminhou até a pia e percebeu que a torneira estava aberta, encharcando todo o piso. Fechou imediatamente e levantou o rosto para abrir o armário espelhado embutido na parede, onde ficavam guardados os medicamentos. Esticou as mãos para agarrar o puxador, mas quando seus olhos capturaram o espelho, um grito de horror irrompeu pela sua boca.

Foi difícil exprimir qualquer palavra diante da visão da criatura nefasta que o fitava. Tentou tocar no crucifixo de prata pendurado em seu pescoço, mas antes

que pudesse dizer qualquer coisa ou mesmo tentar fugir, seu corpo foi arremessado para o outro lado do banheiro. O azulejo frio parecia quente, dada a pancada que seus ossos receberam. Tentou se mexer, mas uma escuridão com cheiro de morte lhe envolveu e sua vida foi sugada em poucos segundos.

I
ANESTESIADA

Todas as noites vivia o mesmo dilema: ir ou não para o inferno. Essa era uma dúvida que persistia em minha mente, nas mais altas horas da madrugada, quando o silêncio imperava na mansão. Os únicos sons eram os ruídos das tábuas antigas, o balançar do apanhador de sonhos na varanda e alguns ocasionais rangidos, provavelmente frutos da minha imaginação. Ainda assim eram tão vívidos que me faziam imaginar todo um cenário hostil, onde o palco era o inferno e a atração principal, a perda da minha sanidade.

Eu considerava o Lexotan[1] um forte aliado naquela guerra. Infelizmente a paz tinha um preço, o que significava que eu funcionaria no piloto automático durante o resto do dia, a ponto de vagar pelos corredores do colégio, sem destino e sem orientação, já que não estaria no controle das minhas faculdades mentais. Apesar disso, aquelas pequenas pílulas rosadas pareciam uma ótima fuga e, entre dormir um sono profundo a viver uma noite de puro assombro, eu certamente preferia a primeira opção.

Não era como se eu me importasse com a minha alienação em relação ao cenário a meu redor, o colégio preparatório de West Hill era praticamente uma caixa de surpresas indesejáveis. Lá você poderia encontrar do *bullying* ao mutilamento, era como se os limites para a maldade não alcançassem aqueles portões. Por vezes me vi sendo alvo de comentários desagradáveis, de puxões de cabelos por valentões e humilhações públicas pelas líderes de torcida. Ficar atordoada pelos medicamentos me assegurava, justamente, a privação do inferno que era a minha vida, já que tudo parecia uma grande tortura, estando eu acordada ou não.

Sem muitas alternativas, engoli os dois comprimidos recomendados pela minha psiquiatra. Não demorei muito a pegar no sono e só acordei porque era forçada por minha tia, que sempre me acordava pontualmente às sete horas da manhã.

Tia Annabel possuía uma beleza rara, seus grandes olhos castanhos eram lindos, a pele clara e os cabelos negros como os meus lhe traziam uma singularidade inigualável, mas não era só sua aparência que chamava a atenção. Ela tinha uma personalidade forte e por vezes misteriosa. Um dos seus mistérios envolvia o

fato de que ela gostava que eu me mantivesse afastada da mansão durante o dia, tudo isso porque guardava um pequeno segredo. Tia Annabel gerenciava um bordel em nossa decadente residência.

Todos os dias, suas oito fiéis “amigas” batiam em nossa porta, pontualmente às onze da manhã. Tomavam café e muitas vezes cozinhavam bolos, excelentes por sinal. Costumavam me dar conselhos sobre moda, que quase sempre eu não ouvia, e apesar de saber a verdade, empolgava-me o fato de que eu não era a única desajustada naquela cidade decrépita.

As garotas, eu preferia as chamar assim, já que só possuíam o que se pode denominar de “nomes de guerra”, circulavam pelos quartos que sobravam em nossa casa depois que eu saia, o que me lembrava de sempre trancar o meu. Mesmo em um estado de transe, eu nunca esquecia, temendo encontrar secreções indesejadas em meus lençóis, como aconteceu nos primeiros dias em que comecei a viver nessa mansão.

Como eu descobri isso? Bem, eu já havia me escondido algumas vezes no jardim, junto com meu amigo Alex, que também tinha muita curiosidade para saber quem eram os clientes que frequentavam a casa de tia Annabel. Nós descobrimos que, logo que eu saía para o colégio, exatamente ao meio dia, uma seleção de músicas bregas e ultrapassadas começava a tocar, alto o suficiente para incomodar os vizinhos, caso tivéssemos algum. Em poucos minutos, as garotas apareciam, vestindo lingeries exageradas de segunda mão, que arrancavam suspiros de Alex e me deixavam ainda mais enojada com a situação.

Os clientes não demoravam muito a chegar, alguns carros vinham com até três homens. Todos procurando diversão com as garotas, elas dançavam e beijavam cada um deles, com muita sensualidade e pouco pudor. Até que algumas roupas começavam a ser retiradas e tia Annabel as enxotava para os quartos. Uma adolescente normal brigaria e se sentiria envergonhada, pois os comentários maldosos pipocavam na cidade. Eu, no entanto, pouco me importava. Fui recebida por Annabel quando tinha treze anos. Minha mãe havia morrido de overdose e ela foi a única, dos cinco irmãos de minha mãe, que se dispôs a cuidar de mim.

Tudo que eu precisava fazer era passar os meus dias inteiros no colégio. Mesmo quando as aulas terminavam mais cedo, eu perambulava pela cidade e quase sempre ia embora a pé, caminhando por uma longa estrada de terra, com poucas

residências, até que avistava a mansão de tia Annabel, que era uma visão um tanto quanto perturbadora em dias chuvosos. Paredes com tinta branca encardida descascando. Escadas que um dia deviam ter sido belas e polidas, mas agora não passavam de mármore arranhado e muito gasto, com algumas rachaduras. Janelas grandes que mais se assemelhavam a olhos vazios e tristes, e uma porta de madeira escura, tão pesada que parecia uma boca negra e assombrosa.

O interior, no entanto, conseguia ser um pouco mais atraente. Tia Annabel era obcecada por limpeza e sempre que podia, lustrava todo o ambiente. Para uma residência tão grande, ela até que obtinha muito êxito. Embora alguns cômodos dificilmente recebessem a visita de sua vassoura, a começar pelo meu quarto, o qual eu me dignava a limpar. O salão de baile, que era mais um amontoado de caixas e móveis estragados. O porão, que era um lugar tão úmido e sujo, que tia Annabel nem mesmo tinha coragem de abrir a porta. E o sótão, que eu sequer tivera coragem de visitar. Mantínhamos o espaço que usávamos em ordem e para mim era o suficiente.

2
PROMESSAS DE UM FUTURO BOM

Naquele mesmo dia em que acordei sonolenta, conversei pouco durante o café e fiquei grata por ouvir Alex buzinando do lado de fora. Nossa amizade era pouco convencional, já que ele era filho de um renomado advogado, enquanto eu de interessante só tinha o nome: Virginia Marly Washington, o que na verdade me tornava uma das parentes mais jovens do padre Ezequiel Washington, um missionário que nos tempos sombrios de West Hill realizou diversos exorcismos e purificou a cidade. Esse feito era considerado algo como ato de heroísmo e rendia algumas piadas maldosas no colégio.

Alex, no entanto, parecia não se importar com o meu habitual mau humor e nem com o fato de todos no colégio me chamarem de “meretriz”. Ah, e nem com os comentários sobre o diabo ter voltado em meu corpo, como uma punição ao bondoso padre Ezequiel por ter expulsado o mal de volta para o inferno e frustrado os planos lá de baixo.

— Acho que você andou tomando aqueles remédios de novo, já disse que uma maratona de Netflix seria muito mais interessante — Alex falou com uma voz contrariada, porque em dias assim eu sempre ficava mais distante e dificilmente mantinha diálogos longos.

— Não tenho internet e você sabe que se eu não tomar esses remédios, passo uma noite infernal. Literalmente. E levanto com olheiras terríveis — pensei que minha voz iria parecer mais defensiva, no entanto, soou tão calma que nem parecia que estava protestando.

— Acho que essa mansão prejudica a sua vida, Vi, se você morasse em uma casa normal, talvez não tivesse tanta dificuldade para dormir. — Alex se referia ao fato de que a casa de tia Annabel foi também a residência do padre Ezequiel, tio-avô dela e da minha mãe.

O mais perturbador, no entanto, era o fato de que o velho havia perecido nessa casa, onde foi encontrado no banheiro do primeiro andar, com várias escoriações

nas costas e nas pernas, causadas por ele mesmo em um ato de suplício. A estranheza do caso era que, na autópsia, foram encontrados vestígios de enxofre na corrente sanguínea do padre e nenhum sinal de ataque cardíaco, gerando, assim, especulações de que o demônio em pessoa resolveu matá-lo e que a mansão era amaldiçoada por ter sido palco do assassinato de um homem santo.

— A casa não é o problema, eu sou — falei com a voz um pouco mais firme e observei a paisagem mudar, à medida que avançávamos pelos prédios da cidade, rumo ao colégio. — Meu subconsciente adora me pregar peças.

Alex sacudiu a cabeça em negação e a verdade era que eu também não acreditava em minhas próprias palavras. Não havia muito que fazer, já que, embora a mansão tivesse aquela fama, eu nada tinha visto de assustador naquele local, nem quando fiquei algum tempo parada, à meia-noite, no mesmo banheiro que o padre Ezequiel foi morto. Resolvi fazer aquilo para descobrir a causa dos meus pesadelos. Aparentemente, não havia nada demais no local. Tudo era fruto da minha mente insana e, mesmo que o problema fosse a casa, eu não tinha outro lugar para morar, então estava conformada com a vida que levava.

— Bom, prepare-se, hoje temos teste de álgebra e algo me diz que você não estudou. — Alex não precisava ser vidente para chegar àquela conclusão, eu dificilmente abria os livros em casa. Soltando um suspiro fundo de consentimento, saí do carro, observando o estacionamento ainda pouco movimentado.

O dia prometia chuva e torci para que passasse antes da minha volta para casa. Alex e eu caminhamos lado a lado até a sala de aula. Ocasionalmente recebíamos olhares questionadores, afinal o que um garoto de olhos azuis, pele clara e cabelos loiros levemente desgrenhados fazia com uma garota de baixa estatura, cabelos longos e castanhos, olhos verdes inexpressivos e um rosto ainda mais vago? Esse, com certeza, era o questionamento do século, entretanto, eu não me atrevia a perguntar a Alex. Mesmo sendo uma pessoa introvertida, eu temia perder a única amizade que eu tinha na vida e por isso resolvi simplesmente aceitar as coisas como eram.

— Então, já escolheu um par para o baile de inverno? — ouvi Alex me perguntar com certa curiosidade na voz, enquanto nos sentávamos nas últimas cadeiras da sala, nosso lugar habitual.

— Eu nunca fui ao baile do colégio e, de qualquer forma, ninguém vai querer ir com a garota macabra aqui — falei com um riso debochado, rindo da minha própria desgraça.

Alex abriu a boca para me contestar, calou-se ao ver o professor chegando e dizendo para todos se organizarem em duplas, já que o teste seria aplicado. Dei um sorriso animado para ele, que só bufou e aproximou a própria cadeira da minha. Começamos os exercícios em absoluto silêncio, acabei resolvendo quatro das dez questões, o que pareceu surpreendê-lo. Quando terminamos, saímos da sala e tateei os bolsos em busca de um cigarro, o estresse estava me consumindo naquele dia.

— Isso ainda vai te matar — Alex debochou, enquanto pegava o cigarro da minha mão e tragava um pouco da fumaça.

— Adivinha só? Já me sinto morta — falei com escárnio e deixei meu corpo cair embaixo de uma árvore, onde conseguia ter uma visão de todo o colégio. — Não sei se fico aliviada por este ser o último ano ou confusa, considerando que provavelmente vou ter que trabalhar para minha tia.

Alex, que estava sorrindo, parou na mesma hora e me encarou assustado. Só quando viu meu sorriso maldoso é que entendeu que estava brincando. Não que eu fosse preconceituosa com as garotas, mas aquela profissão simplesmente não era para mim. Quase dezoito anos e ainda virgem, sem namorado e sem nenhum talento para conquistar os homens. Eu dificilmente teria algum futuro naquilo além de não conseguir me imaginar sendo tocada por nenhum deles.

— Você pode vir morar comigo. Pretendo ir para Yale no próximo ano e vou ficar muito solitário em Nova York. — Embora eu soubesse que Alex estava brincando comigo, quase senti certo conforto com aquele convite. Viver com Alex seria um sonho, nós nos entendíamos e sabíamos nos divertir. Eu até poderia tentar conseguir uma bolsa e um emprego. As possibilidades pareciam infinitas, porém algo em meu interior me dizia que seria difícil sair de West Hill.

— Eu seria uma excelente companheira de quarto, você só iria acordar ocasionalmente com os meus gritos — dei-lhe uma piscadela e apaguei o cigarro na grama.

— Eu não tenho medo dos seus monstros Vi, sei que juntos podemos combatê-los. — Sem esperar minha resposta, Alex se levantou e me lançou um último

olhar, antes de caminhar para a lanchonete.

Resolvi deixá-lo ir sozinho, eu não gostava muito de lugares cheios e estava um pouco nervosa com o que ele havia acabado de dizer. Internamente eu sabia que Alex fazia aqueles pedidos por pura caridade, era impossível alguém como ele se interessar por mim, uma pessoa tão desajustada.

Em algum recanto escondido do meu coração, a semente da esperança se insinuava, acreditando que poderíamos ser felizes juntos e embora eu soubesse que seria imensamente feliz ao lado de Alex, não poderia assegurar que ele sentiria o mesmo.

3
Odeio Chuvas

Na volta para casa, a chuva, infelizmente, não me deu trégua. Caía tanta água que me arrependi de não ter esperado mais um pouco. Alex havia me deixado no centro da cidade, ele trabalhava em uma lanchonete à tarde e não podia me dar carona. Ele havia insistido para que eu esperasse, mas minha teimosia acabou me deixando na situação em que eu me encontrava agora, com os tênis cobertos de lama e completamente encharcada pela água fria.

Sem muitas alternativas, continuei caminhando. Observava os eventuais raios e relâmpagos que apareciam no céu. Aquela seria uma ótima forma de morrer... carbonizada por um raio, comecei a rir de forma histérica até que algo mais adiante chamou minha atenção. Parecia um corpo estirado na estrada. Pensei em voltar para trás, temendo que a pessoa estivesse morta. Se não fosse o caso, poderia precisar da minha ajuda. Com resignação, caminhei a passos lentos até o sujeito e percebi que se tratava de um homem calvo, relativamente magro e alto.

Seu rosto estava imaculado, mesmo com toda a chuva. A face branca não tinha um sinal de lama e, quando me agachei, percebi que sua pele estava muito fria. Eu o sacudi um pouco, ele não se moveu nenhuma polegada. Observando-o melhor, vi um colar em seu pescoço que só poderia ser uma piada. Havia uma cruz pendurada, só que de cabeça para baixo e parecia conter alguns arranhões.

A roupa dele mais se assemelhava a uma batina, então percebi que aquele homem deveria ser um padre. Levantei rapidamente me afastando dele. Em meus pensamentos, questionei se aquele poderia ser o padre Ezequiel, o que não faria sentido, já que meu ancestral estava morto e nunca usaria um colar daquele jeito. Aterrorizada, comecei a correr em direção à mansão, que parecia cada vez mais distante, mesmo com minhas passadas largas e com os respingos das poças d’água que eu não hesitava em pisar.

Finalmente visualizei o portão da mansão e com um suspiro de alivio, reduzi o passo, começando a caminhar em sua direção. Até que uma mão pesada e forte caiu sobre meu ombro. Gritei antes mesmo de ver quem era, então, vi o padre da estrada atrás de mim. Os olhos dele estavam completamente negros e um sorriso diabólico despontava em seu rosto. Tentei me soltar, ele segurou meu cabelo

com força, fazendo-me encará-lo. Eu continuei gritando, com a chuva forte, tia Annabel nunca me ouviria e aquilo só fazia crescer o pânico dentro de mim.

— Me solte! — ordenei em desespero, sentindo aquele cheiro horrendo de enxofre exalando da criatura.

— Você servirá aos nossos propósitos, tal como o seu ancestral o fez. — A voz que saía daquela boca cadavérica não tinha nada de humana. Era rouca e gutural, como se realmente fosse de outro mundo. — Nós viremos buscá-la, espere por nós, *Virginia Washington.*

A criatura me livrou do aperto e não perdi tempo, comecei a correr. O problema era que minhas pernas estavam mais lentas e meu horror era tanto, que foi impossível não chorar e gritar. Quando subi as escadas, escorregando pelo piso de pedra, bati fortemente na porta, ouvindo a risada de tia Annabel parar e o volume da televisão abaixar. Ousei olhar novamente para o portão, não havia mais sinal do que quer que fosse aquilo. Quando a porta se abriu, joguei-me para dentro sem nem mesmo dar explicações.

Subi correndo as escadas e corri para o banheiro, vomitando todo o conteúdo do meu estômago. Meu corpo tremia e tudo em que eu conseguia pensar, era no cheiro enjoativo de fumaça e enxofre que aquele homem exalava, se é que podia ser considerado um ser vivo. Aquela voz aterrorizante ficaria para sempre gravada na minha cabeça.

Tia Annabel subiu para perguntar se estava tudo bem e quando confirmei, pareceu se convencer e pediu ajuda com o jantar.

Naquela noite, após comermos em silêncio, resolvi fazer algumas perguntas para minha tia, que parecia um pouco incomodada, mais do que o normal. A chuva não dava trégua e a TV havia parado de funcionar, por isso nos recolhemos mais cedo.

No dia seguinte, sexta feira, era véspera do baile de inverno, e eu ainda teria aula, o que era melhor do que passar o dia inteiro à toa na mansão, só torcia para que não chovesse. Queria muito sair com Alex depois da escola e contar o que havia acontecido.

4
Revelações

Acordei cansada e de mau humor, tomei o café da manhã em silêncio e ignorei as perguntas das “amigas” de tia Annabel, principalmente de Lucinda, uma das mais novas garotas de programa da mansão e que insistia em tentar ser minha amiga. Não que eu tivesse algum preconceito, mas tínhamos que concordar que não havia muitas semelhanças que nos unissem e nossas conversas sempre terminavam em um silêncio constrangedor.

— Não sei por que se dá ao trabalho de falar com ela... — ouvi uma das garotas falar, enquanto eu saia pela porta da frente onde Alex me esperava com seu usual sorriso otimista.

— Pronta para conquistar o mundo? — ele perguntou assim que entrei no carro e me entregou um copo de isopor cheio de chocolate quente.

— Ah meu Deus! Obrigada. Estava precisando disso... ontem, a tarde não foi muito divertida — falei desanimada, pensando no evento após a escola.

— Está tudo bem? Poderia ter me esperado, eu teria te dado uma carona. — Percebi que Alex ainda não tinha começado a dirigir e seu rosto se mostrava preocupado, o que me deixou momentaneamente feliz e confusa.

— Ah... eu, *hã*... estou bem, não foi nada. — Naquele momento eu queria muito dizer a verdade, mas o que Alex pensaria a respeito? Provavelmente me acharia uma louca, por isso resolvi não tocar no assunto, afinal poderia ter sido somente a minha imaginação.

Na escola, as horas pareciam eternas, todos estavam eufóricos pela noite do baile, mas eu estava muito mal-humorada para pensar sobre isso. Alex ficou quieto o tempo todo, não sabia se meu mau humor passara para ele por osmose ou se o tinha irritado de alguma forma, só sei que seu silêncio me deixou incomodada.

Na volta para casa, aceitei a carona dele sem pestanejar, não queria me arriscar de novo naquela estrada. Com chuva ou sem chuva, seria assustador ver aquela

figura novamente. Enquanto o carro avançava pela estrada de terra úmida, deixei meu olhar vagar pelos campos, preenchidos por algumas eventuais construções e por fim só por grama; um verdadeiro deserto verde.

Estava olhando fixamente pela janela, até que vi algo distante. Era uma figura negra e estava no meio das plantações de milho. Meu coração se apertou e continuei olhando fixamente até o carro fazer uma curva. Soltei um grito assustado quando senti uma mão sobre o meu braço, mas era Alex quem me olhava intrigado.

— Está tudo bem, Vi? Pensei que você tivesse cochilado ou algo assim... — Ele parecia confuso com o meu surto e eu sorri sem graça.

— *Er*... estava quase dormindo, desculpa. Eu me assustei. — Tentei mentir da melhor forma que pude, mas o olhar de suspeita ainda permanecia no rosto dele.

— Sabe que pode me contar qualquer coisa, Vi, estou aqui e sempre estarei. — Ele manteve o olhar na estrada enquanto falava e percebi que suas bochechas estavam coradas.

Olhei para as minhas mãos, pois meu rosto também parecia pegar fogo. Na verdade, tudo o que eu queria era me jogar nos braços de meu amigo, com certeza uma das ideias mais insanas que já tive e por isso sacudi a cabeça tentando esquecer aqueles pensamentos incoerentes. Não era bom desejar aquilo que não se podia ter, principalmente quando não se estava em condições de lutar.

Depois que Alex me deixou em casa, subi para o meu quarto e passei o resto do dia espiando pela janela, mas não vi nada. Tia Annabel me chamou para o jantar e eu desci no mesmo momento, já que realmente estava faminta. Estava imersa em meus pensamentos, remexendo o macarrão muito cozido no meu prato, quando a voz dela me tirou dos meus devaneios.

— Sabe, Vi, podia jurar que ouvi você gritando antes de eu abrir a porta ontem à tarde.

Tia Annabel parecia insinuar que ela sabia exatamente o que havia acontecido no dia anterior.

— Eu acho que vi algo... — comecei com a voz hesitante, pois precisava conversar sobre isso com alguém, estava me matando ficar em silêncio. — Na verdade eu vi e ouvi...

Observei o rosto da minha tia, que por um momento parecia ter adquirido um tom mais pálido, só que ela rapidamente se recompôs, soltou um suspiro alto e começou a recolher a louça, empilhando-a dentro da pia.

— E o que você viu e ouviu? — embora ela estivesse sorrindo, tentando ser sarcástica, eu sabia que por dentro tia Annabel estava com medo, suas mãos tremiam mais do que o normal enquanto recolhia os pratos, o que me levou a questionar se ela também tivera experiências estranhas.

— Vi um homem calvo, muito branco e de olhos negros, ele estava vestido de padre e usava uma cruz virada do lado contrário. — Enquanto falava, vi a imagem da criatura se materializar diante de mim e tentei não estremecer com a lembrança, o que foi inevitável. — Ele disse que eu serviria aos propósitos deles, igual a meu ancestral. E também que viria me buscar.

Quando terminei de falar, tia Annabel deixou um prato cair, fazendo o barulho reverberar pelo silêncio da casa. Ela começou a recolher os cacos, enquanto eu me mantinha estática, observando-a com curiosidade e esperando uma explicação. Aquele era um forte indício de que ela sabia de algo e eu merecia ter algum esclarecimento, já que não fazia ideia do que estava acontecendo.

— O que você sabe? — perguntei com a voz inquisitiva, levantando da cadeira e me aproximando dela para observar melhor o seu rosto, que a principio não revelava muitas coisas.

— Não sei de nada, só me assustei. Você sabe que não gosto de filmes de terror, principalmente morando aqui. — A desculpa dela não me convenceu e vendo meu olhar de desconfiança, ela suspirou forte e sentou-se em uma cadeira, parecendo precisar de espaço.

— Não me deixe no escuro, tia, preciso saber exatamente o que está acontecendo e algo me diz que você sabe — cuspi as palavras com fúria, enquanto me sentava diante dela, que ainda tinha um olhar amedrontado.

— Por favor, não me odeie por não ter contado antes — ela começou, com um murmúrio baixo e olhos pesarosos. — Quando sua mãe estava grávida, nesta casa, nossa mãe que era médium recebeu uma mensagem em sonho que dizia que você nasceria morta. Sua mãe ficou desolada com aquilo, mesmo com todos os defeitos, ela a amava muito e queria cuidar de você.

Ela fez uma pausa que me deixou angustiada.

— Continue... — falei com a respiração um pouco descompassada, já que não gostava muito de falar da minha mãe.

— Bom, ela buscou ajuda com um padre católico, que a orientou rezar por dez dias seguidos e torcer para que Deus tivesse piedade. — Tia Annabel começou a soluçar e percebi que algumas lágrimas umedeciam o seu rosto. — Ela fez o que foi pedido, ainda assim, sua avó continuava tendo o mesmo sonho. Até que sua mãe recebeu uma visita em seus sonhos, ela contou que apareceu vestido da forma que você mencionou, como padre, e que disse a ela o que fazer para você viver.

Soltei um arquejo assustado e senti um calafrio percorrer o meu corpo. Se minha mãe já havia sonhado com aquela criatura, as coisas eram piores do que eu pensava e o pânico tomou conta de mim. Segurei-me e pensei se deveria ou não ouvir o resto da história, concluí que precisava entender tudo o que estava se passando. Encarei a tempestade lá fora e, como incentivo, acenei para que tia Annabel continuasse.

— O padre do sonho disse que um ritual precisava ser feito e ele envolvia um sacrifício. Então, sua mãe e sua avó sacrificaram um bode. Ela bebeu o sangue dele, misturado a uma sopa, durante sete dias. Ela também murmurou algumas palavras estranhas na encruzilhada, pedindo ao demônio para que seu pacto fosse concedido. Naquela época, eu era muito jovem para entender tudo a minha volta, mas coisas terríveis aconteceram. Tempestades que pareciam cair somente nesse terreno, animais mortos em nosso quintal. Sua mãe não conseguia dormir por causa dos pesadelos e sua avó, no sexto dia, faleceu. No dia do enterro, sua mãe me contou que sonhara com ela, dizendo que havia dado certo. No entanto...

— No entanto... — repeti com a voz sussurrada, temendo o que iria ouvir e pensando na loucura que minha mãe havia feito.

— No entanto, você estava marcada — ela deu um suspiro resignado e limpou as lágrimas, encarando-me mais de perto. — Eu resolvi pesquisar sobre tudo aquilo quando fiquei mais velha e entendi que havia uma espécie de doença genética em nossa família. Todos os filhos e filhas, do filho mais novo de cinco irmãos Washington, nascia morto. Isso perdurou por muitos anos, como uma espécie de maldição e ela só foi considerada “quebrada” quando...

Um estalar alto da janela me fez estremecer. Aproximei-me para fechá-la, quando uni os vidros, gritei de horror ao ver o padre lá fora, na chuva. Ele estava de costas para a casa, mas mesmo assim me causava arrepios. Tia Annabel correu para o meu lado e, pela expressão no rosto dela, vi que ela também o havia visto. Fechamos toda a casa com rapidez, embora eu suspeitasse que aquilo não funcionaria. Ainda queria ouvir o resto da história, por isso nos aconchegamos no quarto dela e resolvemos dormir juntas naquela noite, ou ao menos tentaríamos.

— Termine de contar — pedi enquanto ela acendia várias velas pelo cômodo, a eletricidade havia ido embora.

— A maldição foi considerada encerrada, quando meu tio-avô Ezequiel nasceu. Ele também era o filho de um pai mais novo entre cinco irmãos. Na época, todos consideraram um milagre e por isso ele até se tornou padre, em agradecimento a Deus. Porém, após algum tempo, eu comecei a suspeitar que meu tataravô fez algum pacto com o demônio para que o filho sobrevivesse. — O rosto de tia Annabel era uma máscara de medo, resolvi abraçá-la bem forte. Devia ser horrível viver com aquela verdade assustadora sobre a própria família.

— O que nós podemos fazer? Estou com medo... — sussurrei assustada ao ouvir passos no corredor da casa.

— Fique quieta e comece a rezar, minha filha — tia Annabel me passou um terço e começamos a rezar desesperadamente, ouvindo os passos no corredor.

Enquanto eu entoava todas as orações que conhecia, tive certeza de que aquilo não estava realmente funcionando. Olhei ao redor do quarto e vi alguns crucifixos, a Bíblia e até mesmo uma garrafa de água benta. Não sabia que tia Annabel era tão religiosa, agora agradecia internamente por isso. Peguei o

recipiente com água benta e a cruz, na mesma a hora em que a porta se abriu. Para minha surpresa não havia nada lá, somente o corredor escuro.

Tateei meu bolso, peguei meu celular e liguei a lanterna, deixando o ambiente ainda mais assombroso. Com um vento forte, todas as velas do quarto se apagaram e ouvi tia Annabel gritar. Apontei a lanterna para ela, já sentindo meu corpo todo tremer e vi que apontava para algo atrás de mim, na outra extremidade do quarto. Quando olhei, deixei meu celular e tudo o que tinha em mãos cair imediatamente. Sabia que estava lidando com algo muito maior do que eu pensava, pois havia uma criatura rastejando pelo teto em minha direção, com uma bocarra enorme, dentes pontiagudos e chifres; ela exibia um sorriso maligno.

O demônio se aproximava de mim e antes de tudo se tornar escuridão, ouvi o grito agudo da minha tia. Só consegui fazer um último pedido a Deus: que ele me concedesse a redenção de todos os meus pecados.

5
BAILE DE INVERNO

Acordei com uma dor de cabeça tão forte que quase foi difícil me mover e levantar de onde me encontrava. Percebi que estava na minha cama, meu quarto parecia intacto e só quando comecei a me recordar da noite anterior, foi que fiquei apreensiva. Procurei pelo celular, que estava no chão, juntamente com as minhas botas. Já passava das cinco da tarde e eu havia recebido dez chamadas de Alex, a última com uma mensagem de voz que apertei o play para ouvir:

“Ei, Vi, acho que você deve ter tomado remédios demais na noite passada. Fiquei preocupado, você parecia muito assustada. Meu celular ficou sem sinal e meu pai precisou do carro ontem à noite, por isso não pude voltar aí. Apesar de saber que você não gosta muito dessas coisas, toparia ir ao baile comigo?”

Fique tão feliz com o convite, pois a ideia de ir a um baile parecia surreal, que todos os meus problemas pareceram ser varridos de minha mente. Um sorriso bobo se apossou dos meus lábios, eu quase podia me ver dançando com Alex e ele me dizendo que o convite para morarmos juntos em Nova York ainda estava de pé... Contudo, a realidade me chamava. Naquele momento eu tinha um problema. Tudo o que acontecera na noite passada ainda estava bem nítido em minha mente e eu precisava falar com tia Annabel para saber o que ela pretendia fazer a respeito. Assim, levantei da cama, mandei uma mensagem para Alex explicando que ficamos sem energia elétrica e que ele podia me buscar às sete da noite e fui ao encontro das explicações que necessitava.

Saí do meu quarto e observei o corredor intacto, o que deveria ser um bom sinal. Ouvi um barulho na cozinha e encontrei tia Annabel sovando uma massa de pão. Olhei para ela por um tempo, intrigada. Então, vi as olheiras no seu rosto e constatei que tudo aquilo tinha sido real, eu só precisava saber o que havia acontecido depois que desmaiei como uma covarde.

— Tia Annabel... — falei com a voz calma, temendo assustá-la.

— Virginia... — ela soltou um suspiro pesado e caminhou até mim, abraçando-me com os braços sujos de farinha.

— Aquilo tudo foi real, não foi? — perguntei em um sussurro, enquanto me deixava envolver pelo abraço dela.

— Sim e temo que ainda não tenha terminado. Esta noite não ficaremos aqui, conversei com o padre August hoje cedo e ele me disse para ficarmos na igreja, eles estão buscando uma solução, precisamos manter você a salvo. — Tia Annabel parecia desesperada e acreditava que fazer pães era a forma de ela se distrair.

— Eu pensei em ir ao baile com Alex hoje, posso pedir a ele que me deixe na igreja depois — senti certa empolgação ao imaginar eu e Alex juntos em um baile.

— Oh... bem, não acho seguro, mas esse garoto gosta de você há tanto tempo que acho que não deve perder a oportunidade. Só leve este terço, está abençoado e também leve a água benta. — Ela me entregou uma caixinha com um terço de prata que brilhava levemente na luz da manhã. Uma garrafa pequena de água benta também foi colocada em minhas mãos.

— Obrigada. — Sorri em agradecimento, pensando que tinha pouco mais de uma hora para me arrumar. — Eu preciso escolher um vestido... — falei pensativa, enquanto lembrava de que não tinha muitas roupas para a ocasião.

— Creio que tenho algo adequado, só vou colocar esse pão para assar — tia Annabel abriu um sorriso empolgado, ela gostava de tudo que envolvia moda e beleza.

O vestido escolhido era incrivelmente bonito, azul escuro, como um céu em fim de tarde. O corpete era justo e se assentava bem à minha cintura, a saia era levemente rodada, quase em estilo princesa e balançava à medida que eu caminhava. As mangas eram rendadas até o cotovelo, dando um charme especial na roupa. Eu parecia ter vindo de outra época, embora me sentisse incrivelmente bonita e elegante. Ela também me emprestou um par de sandálias prateadas, nas quais eu consegui me equilibrar com um pouco de dificuldade.

Estava terminando minha maquiagem quando Alex finalmente chegou. Ele daria uma carona para tia Annabel até a igreja e eu estava ansiosa para vê-lo, já que

não podia deixar de pensar naquilo que ouvira mais cedo: “esse garoto gosta de você há tanto tempo”. Será mesmo que Alex me via não somente como uma amiga? Essa ideia me deixava inquieta e ao mesmo tempo feliz, quando abri a porta, surpreendi-me ao vê-lo tão bonito de smoking. Os cabelos estavam penteados para trás e a gravata azul que, coincidentemente combinava com o meu vestido, também fazia um par perfeito com aqueles olhos da cor do oceano.

— Você está... — ele fez uma pausa que me deixou constrangida, até retomar o que dizia com mais firmeza. — Você está linda, Vi.

Senti minhas bochechas corarem ao ouvi-lo falar daquele jeito e abri um sorriso, o mais feliz que eu havia dado na minha vida. Recebi de volta um olhar brilhante e deslumbrado dele. Alex me estendeu a mão e eu a peguei imediatamente, surpreendendo-me quando ele colocou um arranjo de flores no meu braço, aparentemente, todas as garotas deveriam usar aquilo no baile. A minha era uma rosa branca, linda e delicada. Com alguns lírios entrelaçados. Tia Annabel resolveu dar as caras e saiu logo em seguida, segurando duas malas pesadas.

— Vocês estão de mudança? — Alex perguntou confuso, enquanto as guardava no carro.

— Vou explicar tudo no baile, só vamos dar o fora daqui, ok? — falei meio apreensiva, querendo sair logo daquela casa.

Alex não questionou, entramos no carro e eu sentei no banco da frente, empolgada por aquele ser um encontro. Enquanto a mansão sumia de nossas vistas, observei-a pelo retrovisor e não podia deixar de pensar que não era culpa da construção. Era um tipo de carma que envolvia nossa família. Depois de tia Annabel ter me contado que desmaiei noite passada, estávamos amedrontadas demais para permanecer ali. Na igreja pelo menos tínhamos uma chance de sobreviver por mais tempo.

Depois de deixarmos tia Annabel na igreja, fomos direto para o colégio. Uma música animada estava sendo cantada pela banda do colegial. Alex e eu entramos de mãos dadas, entusiasmados com aquela experiência nova. Recebemos olhares de diversos tipos, desde incrédulos a admirados. Tiramos algumas fotos, até que Alex me chamou para dançar *Photograph* do Ed Sheeran, tentei controlar minhas emoções, pois aquela música dizia muito sobre nós e me fazia almejar um futuro ao lado dele.

— Obrigada por ter me convidado... — falei um pouco sem jeito, encarando os olhos profundos de Alex.

— Eu queria tê-lo feito antes, demorei a criar coragem. — Ele riu divertido e aproximou mais nossos corpos. — Acho que preciso dizer agora, ou vou acabar desistindo, então lá vai: eu quero muito você, Vi, estou apaixonado faz tanto tempo que a única coisa em que penso ultimamente é você.

Abri meus lábios assustada com a confissão de Alex. Eu também estava apaixonada por ele e há tanto tempo que já havia perdido a conta. No entanto, o medo de não ser correspondida não me permitia sentir ou deixá-lo se aproximar. Agora só conseguia pensar no quanto fui burra e no tempo que perdemos e que poderíamos ter aproveitado melhor.

Contudo, não podia ignorar o fato de que estava enrolada com a história da minha família, por isso decidi que era o momento para contar a Alex o que estava acontecendo.

— Eu também estou apaixonada por você... — comecei timidamente. — Só temia não ser correspondida... eu quero tudo que você disse, Alex, até ir para Nova York, quero que sejamos felizes. Porém, preciso lhe contar uma coisa...

— Nós seremos muito felizes. Vamos para um lugar mais calmo. — Alex me levou para o pátio do colégio que estava muito bem iluminado, com várias lâmpadas nas árvores. Nos sentamos em um banco e comecei a derramar toda a história para ele.

— Sei que parece loucura... porém é isso, estou com muito medo do que pode acontecer esta noite. — Alex ouviu tudo calado e me abraçou forte quando terminei, fazendo-me sentir totalmente protegida.

— Vou ficar com você na igreja, Vi, nada de mal irá acontecer. Não vou permitir — assenti em concordância e logo vi os lábios de Alex se aproximarem dos meus.

Consenti e em pouco tempo estávamos envolvidos um nos braços do outro. Aquele beijo estava me causando uma mistura maravilhosa de sensações, gemi de leve quando o senti mordiscar suavemente meu lábio, aprofundando ainda mais nosso beijo, unindo nossas línguas em uma dança sensual, quase erótica. Só nos separamos quando o vento começou a soprar bem forte e as luzes do jardim

se apagaram.

— Ah não! Alex... está acontecendo! — Estava assustada, observando a escuridão em que nos encontrávamos.

— Vamos entrar. — Alex entrelaçou nossas mãos e juntos, em meio à escuridão, corremos em direção às portas do colégio.

6
TOCADA PELAS SOMBRAS

Quando entramos, o baile estava uma confusão sem tamanho, pessoas corriam para todos os lados com os celulares em mãos para iluminar o caminho, uma das fontes de gelo começou a desabar e eu vi algumas pessoas serem atingidas. Alex me puxou e disse que não poderíamos ajudar no momento. Então, corremos para fora de novo.

— Temos que ir para a igreja, o padre disse que nos ajudaria! — gritei para Alex poder me ouvir no meio da correria.

— Ok, vamos lá!

Ele me guiou até o carro que estava próximo, entramos e partimos, mas as ruas estavam piores do que eu pensava. Um rebuliço de alunos, pais e pessoas confusas formavam uma massa de pessoas desesperadas na frente do colégio, o que impossibilitava a passagem do carro.

Alex estacionou e desceu, ainda confusa eu o acompanhei. Então, ele foi empurrando a multidão enquanto me puxava para um dos becos e saímos em uma das avenidas pouco movimentadas. O nosso destino era a igreja. Senti um vento frio e gélido, olhei para trás e percebi que as luzes dos postes estavam se apagando.

— Corre... — Alex disse enquanto observava que a escuridão caminhava até nós.

Comecei a correr, mas parei quando Alex soltou minha mão e buscou uma tora de madeira jogada em uma das pracinhas, eu não sabia o que ele achava que poderia fazer com aquilo, mas sem dúvidas nós dois não tínhamos chances contra aquela criatura.

— Alex, vem! Estaremos seguros na Igreja. — Comecei a puxá-lo e vi sua hesitação, o que fez meu coração se apertar.

— Vá na frente, eu te alcanço. Tentarei atrasar essa coisa. — A coragem dele era

louvável, o que teria me deixado sem palavras, mas não era a melhor saída.

— Nós vamos para igreja agora, juntos! Se você não for, eu ficarei aqui — falei com firmeza e ele, vendo que eu não estava brincando, jogou a madeira no chão e me puxou para continuarmos a correr.

A avenida era grande, uma das maiores da cidade. Cheia de comércios que agora estavam completamente escuros, havia uma praça arborizada do outro lado e sem luz, tudo aquilo parecia ainda mais assombroso. Quando a última luz se apagou, já estávamos próximos da igreja, mas algo me fez parar.

— Venha... você deve servir aos meus propósitos. — A voz era rouca e soava maliciosa, senti todo meu corpo congelar de medo e quando olhei para trás, um grito saltou da minha garganta.

A figura do padre estava a poucos metros de nós e andava devagar, como se tivesse a plena certeza de que alcançaria o seu objetivo. Seus passos eram tortos, como se suas pernas quebrassem a cada um deles. Os dentes pontiagudos sorriam maliciosamente e os olhos vermelhos como sangue eram a perfeita visão do mal, do ódio e da fúria.

— Continue, Vi, continue. — Alex me tirou do meu transe e continuou me puxando; mesmo minhas pernas parecendo gelatina, consegui continuar caminhando.

Quando avistamos a igreja, vi que tia Annabel estava do lado de fora com o padre. Fomos ao encontro deles e vi os rostos aliviados de ambos. Alex insistiu em ficar comigo e entramos todos no santuário. As velas estavam acesas, apesar da intensidade do vento lá fora, nada parecia incomodar aquele local santo. Estava quase me sentindo aliviada, quando uma janela se quebrou e o vento forte invadiu o recinto.

— Está começando... — um dos padres mais novos, ajudante do Padre August, murmurou, parecendo menos assustado que nós. — Vocês precisam unir as mãos e repetir as palavras que diremos. Sua tia nos contou tudo e agora sabemos que o demônio quer sua alma, Virginia, ele já tem um fragmento dela por tê-la tocado na noite passada. Não podemos deixar que ele a leve, o sacrifício já foi pago, sua avó morreu para pagar o preço e quebrar esse ciclo. Precisamos terminar com isso agora.

Assustei-me com as palavras do padre mais jovem que descobri se chamar Philip. Tia Annabel me explicou brevemente que August conhecia nossa história e ao ouvir melhor minha explicação, entendeu tudo que havia sido feito. O demônio estava me atormentando por pura ganância e com a intenção de causar sofrimento. Não poderíamos deixar isso acontecer. Unimos nossas mãos e formamos um círculo, Alex parecia incrivelmente corajoso e, sem pensar, joguei-me nos braços dele antes de começarmos.

— Eu te amo. Obrigada por estar aqui — falei, aconchegada no abraço dele, que foi tão forte e verdadeiro, que me senti totalmente envolvida.

— Eu também te amo, Vi, vamos acabar logo com isso. — Alex me soltou com cuidado, não antes de me beijar castamente na testa. Demos as mãos uma vez mais e começamos.

Palavras de fé começaram a ser lidas pelo padre August e todos nós as repetíamos com fervor. No entanto, a energia estranha que se acumulava pelo recinto parecia cada vez mais palpável. O cheiro de enxofre se acumulou e olhando para todos do círculo, percebi que seus rostos estavam cada vez mais aterrorizados.

Alex, como se percebesse o meu assombro, apertou ainda mais as nossas mãos. Me virei para ele e já iria dizer algo para tranquilizá-lo quando padre August começou a tossir fortemente, seguido de Tia Annabel. Os dois rapidamente acabaram soltando as mãos, o que quebrou o círculo, e colocaram as mãos sobre a boca assustados.

— O que está acontecendo com eles? — Alex olhava de um para o outro assombrado.

— Tia Annabel, respire. Fique calma. — Aproximei-me dela e tentei lhe passar alguma tranquilidade, mas seu rosto estava vermelho e suor começava a brotar na testa.

Padre August e ela começaram a espumar pela boca, com seus corpos se contorcendo de forma estranha até caírem no chão. Padre Philip rezava, palavras misturadas que nenhum de nós entendia. Olhei em volta e corri até o altar, onde uma pequena fonte jorrava água benta.

— Tragam eles aqui, talvez a água benta funcione. — Enchi as mãos de água da

fonte e me aproximei de tia Annabel, que estava sendo segurada por Alex. Ele tentava impedir que ela batesse a cabeça.

Padre Philip segurou padre August também, com pouca destreza e ainda murmurando orações inteligíveis. Não demorei a derramar a água benta sobre eles, mas o efeito não foi o esperado. A pele de tia Annabel se encheu de bolhas e logo começou a estourar. Padre August também começou a ter erupções na pele e gritou de dor.

— Não sei o que podemos fazer. Padre Philip, nos diga algo. — Alex largou tia Annabel em meus braços e sacudiu o padre jovem, que parecia cada vez mais assombrado.

— Pos... possessão.... — ele murmurou e olhou para padre August e tia Annabel.

— E o que fazemos nessa situação? — perguntei temerosa, percebendo que o corpo de tia Annabel havia parado de se movimentar e o de padre August também, os dois estavam parados, tão inertes que pareciam mortos.

— Vocês devem me ouvir. — Padre August levantou de forma abrupta, falando com uma voz mais grossa e grave que a sua própria.

— Você... você não é o padre August, não é? — embolei-me com as palavras, ainda não acreditando no que eu via.

Como se fosse para responder minha pergunta, a figura entortou o pescoço de uma forma estranha e seus olhos ficaram totalmente negros. Tia Annabel também se levantou abruptamente, mas com os olhos fechados, ela parecia um fantoche.

— Não, eu não sou. E você sabe o que eu quero, Virgínia. Você não pode me vencer ou acabarei com todas as pessoas com as quais você se importa. Se entregue agora e impeça as pessoas de sofrerem. — Para provar seu argumento, o demônio que estava no corpo de padre August levantou as mãos e fez o corpo de tia Annabel flutuar e com um estalo de dedos, virou o braço dela em um ângulo estranho e o som de osso se partindo ecoou na igreja.

— Pare... — gritei horrorizada, tentando puxar tia Annabel, mas ela continuava flutuando e não se movia.

— Deixe-a em paz! — Alex que até então estava parado observando com assombro, arremessou um cálice de prata no demônio.

Para nossa surpresa e total assombro, a criatura gritou de dor e uma mancha rubra surgiu em sua bochecha, aonde o cálice de prata tinha lhe acertado.

— Prata santa... estes instrumentos aqui são sagrados... — murmurei para mim mesma e corri até o topo do altar da igreja, onde logo abaixo do balcão os padres costumavam guardar os objetos abençoados.

— Garota insolente, você e todos eles irão pagar. — O demônio urrou de raiva e o chão da igreja começou a tremer, o que me desequilibrou um pouco.

Sem muita astúcia, consegui caminhar até o balcão e observei o cenário a minha volta. Alex tentava retirar uma espécie de cetro que um dos santos segurava. Padre Philip se escondia embaixo de um banco, aterrorizado e ainda rezando e tia Annabel foi arremessada e bateu o corpo com tudo em uma parede, onde caiu desmaiada. Eu precisava fazer alguma coisa e a hora era aquela.

Sem pensar muito, comecei a retirar alguns objetos de debaixo do balcão, enquanto o demônio se distraia com Alex que havia conseguido pegar o cetro. Procurei bastante até encontrar uma faca de prata cravejada, provavelmente usada para cortar o pão durante a cerimônia da santa ceia.

Com a faca em mãos, corri até o demônio, mas ele se virou rapidamente, quando eu estava a poucos metros. Sua cabeça entortou de um jeito estranho e ele ergueu as mãos, fazendo alguns bancos levitarem na minha direção.

Eu sabia que aquela guerra não seria fácil de ganhar e por isso fiz a única coisa que consegui pensar naqueles instantes. Arremessei a faca. Eu nunca havia feito aquilo antes, mas o objeto parecia saber o que eu queria, pois cravou no ombro do demônio que imediatamente abaixou as mãos que levitavam os bancos, gritando de dor, com sangue e fumaça saindo de sua ferida.

O corpo do demônio, ou melhor, do padre August caiu sobre o chão de madeira e começou a estremecer novamente. Só quando ele parou é que me permiti respirar e ainda temerosa, aproximei-me do corpo caído.

— Será que ele foi embora? — Alex, que já estava perto do corpo de padre August, abaixou-se e tocou o pescoço dele, medindo os sinais vitais. — Vivo ele

está, pelo menos.

— O que aconteceu? — ouvi a voz de tia Annabel que, assustada, tentava se levantar, mas fazia caretas de dor.

— Tia Annabel, fique parada. — Aproximei-me dela cautelosa e vi que seu braço estava normal, mas havia alguns hematomas em seu corpo. — Estranho... eu pensei que você tinha quebrado o braço... — falei surpresa, vendo que ela conseguia movimentá-lo.

— Sua avó era precavida, fez muitos rituais de corpo fechado conosco. Mesmo uma entidade forte, não consegue me fazer tantos danos. — Ela deu um meio sorriso e eu a abracei forte.

Padre August acordou assustado e enquanto contávamos para ele e para tia Annabel tudo o que havia acontecido, ele começou a chorar. Provavelmente aquela era uma experiência que não esperava, ser possuído por um demônio.

As coisas estavam se acalmando e todos pareciam mais calmos, mas algo me pegou de surpresa:

— *Isso ainda não acabou... eu voltarei*. — A voz demoníaca me fez estremecer, sua ameaça velada era verdadeira e eu sabia disso.

Olhei em volta e ninguém parecia ter ouvido o mesmo que eu, Alex me questionou se estava tudo bem, limitei-me a assentir apenas. Eu não poderia compartilhar isso com eles, aquele era meu problema, minha maldição e eu iria resolver.

E embora a ameaça tivesse ido embora por um tempo, eu sabia que não havia sido o fim. No entanto, agora eu poderia me preparar e lutar com todas as forças para combatê-la.

As luzes voltaram a acender, incluindo os postes da cidade. Todos pareciam momentaneamente felizes, como eu poderia estragar isso?

— Você o derrotou, Vi, foi muito corajosa. — Alex me puxou para seus braços e me abraçou forte.

— Sempre soube que você conseguiria, minha sobrinha. — Tia Annabel assentiu satisfeita.

Meu coração se apertava em mentir para eles, mas fingi que estava tudo bem e aceitei o convite de Alex para dormir na casa dele, tia Annabel ficaria na casa de uma amiga e no dia seguinte ela disse que iria procurar um novo lugar para morarmos. O que ela, e todos, não sabiam, é que para mim não haveria um dia seguinte, eu tinha um plano. E estava na hora de colocá-lo em prática para me livrar das sombras que me tocaram.

7

A MELHOR E A PIOR NOITE DA MINHA VIDA

Alex e eu fomos de mãos dadas para sua casa, os pais dele pareceram não se importar que eu dormisse lá, e sua irmã mais nova me cedeu a cama e foi dormir com os pais. Mas ali deitada naquele quarto de bonecas, eu me sentia estranha e obscura. Toda inocência que aquele quarto esbanjava, deixava-me claustrofóbica, porque agora eu sabia que havia outras ameaças reais lá fora.

Saí do cômodo devagar e me assustei ao encontrar Alex no corredor. Ele não disse nada, mas me estendeu as mãos e me levou até o seu quarto. Eu nunca havia entrado ali antes, mas achei extremamente aconchegante. Havia uma parede cinza, contrastando com os móveis, uma estante cheia de livros no lado esquerdo, uma escrivaninha abarrotada de papéis ao lado da janela e alguns quadros que remetiam aos games que ele tanto gostava.

Tudo naquele quarto exprimia a personalidade de Alex, ele era inteligente, sensato e apaixonado por jogos e livros. Parei de observar tudo quando senti seus braços me envolvendo por trás, seu lábio pousou bem de leve no meu ombro desnudo e seu nariz roçou na minha nuca.

— Prometa que sempre teremos isso — ele sussurrou contra o meu rosto, beijando a minha bochecha mansamente e me fazendo virar para encará-lo.

— Prometo — falei com hesitação. Estava prometendo algo que provavelmente não poderia cumprir, mas enquanto eu estivesse viva, lutaria por ele. Por Alex e pela minha alma.

Não precisei falar mais nada, pois em pouco tempo nossos lábios se uniram novamente. Agora que eu conhecia o seu gosto e a sensação que era estar em seus braços, entreguei-me sem medidas. Deixei que Alex amasse cada centímetro do meu corpo e retribuí seu amor com todo o sentimento que residia em mim.

Quando os primeiros raios de sol apareceram no horizonte, ele estava adormecido e minha cabeça se encontrava pousada em seu peito. Não consegui dormir nem por um segundo, mas fui incapaz de abandoná-lo durante a noite.

Levantei-me devagar e vesti a calça jeans, a camiseta e o moletom que me lembrei de pegar no carro na noite anterior.

Calcei meus *all stars* gastos e saí pela janela sem fazer barulho. Corri bastante até estar bem longe da casa e comecei a caminhar decidida. Eu tinha um destino e era a mansão.

Aquela havia sido uma das melhores e piores noites da minha vida. Eu tinha recebido o amor de Alex, mas também havia percebido que a ameaça era real e que ela estava atrás de mim.

Continuei caminhando em direção à estrada de terra, no final dela eu encontraria a minha liberdade ou talvez uma maldição, mas algo tinha que ser feito. No entanto, eu precisaria de ajuda e havia alguém que poderia me auxiliar nisso.

8
LUTANDO CONTRA MONSTROS

Bati na porta do padre Philip às cinco e meia da manhã, ele morava em uma *kitnet* próxima à igreja, informação que obtive perguntando a alguns moradores da cidade, que ainda estavam assustados com o *blackout* da noite passada. Ele demorou a atender, provavelmente ainda estava dormindo, mas quando abriu e estreitou um pouco os olhos, observando-me parada a sua frente, seu rosto não pareceu exibir nenhuma surpresa, o que era muito estranho.

— Virginia Washington, sabia que iria me procurar. — A voz dele era calma e pesarosa, algo que me deixou um pouco confusa.

Philip deu passagem para mim e entrei sem hesitar, não reparando muito no ambiente ao meu redor. Ele indicou uma mesa com dois lugares onde me sentei e depois foi até o fogão, colocando uma água para esquentar; presumi que fosse fazer um café.

— Então, você sabe por que estou aqui? — perguntei com curiosidade, pois pensava que somente eu tinha escutado as palavras da criatura.

— Sim. Ouvi o mesmo que você e há uma razão para isso — ele disse sem rodeios, voltando a atenção para mim.

— Qual razão e por que ouviu? — questionei com o coração na mão, afinal não entendia onde Philip queria chegar.

— Também sou um parente seu, Virginia, mais precisamente um primo. — Ele revelou enquanto, agora, passava o café. O cheiro inundou minhas narinas, agraciando meu olfato, mas não foi o suficiente para dissipar o peso da informação que me foi dada.

Olhei-o sem esconder meu espanto.

— Como assim? Eu nunca soube da sua existência. — Minha voz saiu um pouco alterada, pois era algo realmente impactante. Se ele era meu primo, de quem era filho?

Philip não respondeu de imediato, terminou de passar o café em silêncio, uma expressão séria pairava sobre seu rosto e depois de servir duas xícaras generosas e colocar uma na minha frente, sentou-se na outra cadeira e olhou fixamente em meus olhos.

— Annabel é minha mãe. — Parei com a xícara a caminho da boca. Agora eu não estava só espantada, estava em estado de choque. — Mas obviamente ela não sabe disso — ele se apressou a dizer. — Quando me abandonou em um convento não muito longe daqui, ela achou que eu seria adotado, mas quem adotaria uma criança que vivia tendo pesadelos, ouvindo vozes e vendo sombras? — Enquanto Philip falava, comecei a reparar em seu rosto. Não sabia se estava o associando por causa da informação que me foi dada, mas ele realmente se parecia com tia Annabel. Os mesmos olhos castanhos um tom mais claro que os meus, os cabelos negros cacheados e os lábios levemente tortos, como se uma expressão de sarcasmo sempre estivesse presente em seu rosto.

— Se você é quem diz ser, o que está fazendo aqui? — Engoli em seco ao pensar que ele poderia querer se vingar pelo abandono ou algo assim. — Se está buscando por vingança, me desculpa, mas eu sequer sabia da sua existência.

— Não se preocupe, Virginia, não vim em busca de nenhuma vingança pessoal, até porque nossa família já tem muito com o que lidar.

Ele rolou os olhos como se minha insinuação fosse uma barbárie. Então, bebeu um gole de café e voltou a me encarar. Não tive reação, apenas fiquei atenta, querendo entender tudo aquilo.

— Descobri recentemente sobre a maldição e resolvi vir para cá, porque eu sempre sonhava com uma garota correndo, perdida em uma casa grande. Só descobri que era você quando cheguei à cidade e a vi sair do colégio com o seu namorado. — Philip parecia sincero, mas o fato de ter me vigiado deixava tudo aquilo ainda mais estranho.

— Diga logo o que sabe — disse sem paciência e ele suspirou pesadamente, mesmo hábito de tia Annabel quando estava prestes a dizer algo que não queria.

— O demônio não está aqui por mera ganância, Virginia, ele está aqui porque eu estou vivo. Sua tia não lhe contou, mas ela sofreu quatro abortos e quando ficou grávida de mim, pediu em uma encruzilhada próxima à mansão para que eu vivesse, ela usou o próprio sangue em um ritual. Bom, parece que uma entidade

que já espreitava nossa família atendeu ao pedido insano dela. — O sorriso nos lábios dele era irônico e carregado de uma evidente amargura.

Empurrei minha xícara de café para longe, enjoada demais para conseguir tomar o resto e refleti sobre suas palavras antes de dizer qualquer cosia.

— Sem ofensas, mas por que esse sacrifício todo para te abandonar depois? E melhor, como você sabe disso?

— Sobre o abandono, tenho duas teorias: ela queria ficar grávida de mim, porque meu pai era alguém com muito dinheiro. Ou ela amava meu pai, e ele não podia ficar com ela por algum motivo. Então, ela achou que um filho mudaria tudo, mas quando contou para ele, nada mudou, o que a levou a ficar com ódio de mim e me abandonar. — As palavras amarguradas de Philip me trouxeram uma lembrança à mente, e eu o interrompi antes que continuasse a falar qualquer coisa.

— Espera... eu a ouvi contar uma vez para uma de suas amigas que tinha se apaixonado uma vez... — Não era mentira, eu realmente tinha escutado aquela conversa e até achei peculiar o fato de minha misteriosa tia estar abrindo seu coração, já que ela parecia sempre bastante reservada quanto aos seus sentimentos. — Agora, como você sabe disso tudo? Ainda não me disse.

— Bom... isso torna uma das minhas teorias corretas. — Percebi que ele estava se esquivando de minha pergunta, por isso o encarei mais duramente. — Agora como eu soube disso, bem... eu realmente sempre quis saber quem era minha mãe, de onde eu vim e porque sempre tive esses sonhos e visões estranhas. E por isso eu fiz um ritual, ofereci algo a uma entidade que fornece informações em troca de sangue. Assim, fui agraciado com as informações do porquê dos meus sonhos e quem era realmente a minha mãe e onde ela estava. O fato é que sou eu quem o demônio busca. Ele pensou que era você, pois vive na mansão com ela e tem o mesmo sangue, mesmo cheiro. Só que ontem na igreja, após você ter ido embora, senti uma presença gélida próxima a mim e sei que ele deve ter entendido, mas não se importa. Ele exige um preço, seja você ou eu, um dos dois precisa morrer.

Quando ele terminou aquele relato, a verdade assombrosa me atingiu. Philip me olhava como se eu fosse uma presa e percebi que todo o seu discurso era uma mera distração, não que estivesse mentindo, mas ele tinha outros planos para

mim. Tentei me levantar e correr para a porta, mas ele me segurou e bateu com algo em minha cabeça.

Senti-me enjoada por causa da dor pungente que me acometeu, mas não desmaiei. Meu corpo esmoreceu, pois ele tinha batido com muita força, o que o possibilitou me amarrar e amordaçar minha boca. Em pouco tempo, fui colocada no porta-malas do carro e enquanto estava ali no escuro, comecei a chorar e rogar a Deus para que alguém me procurasse, pois não podia morrer assim. Não assim.

Quando o porta-malas se abriu, Philip me jogou sobre os ombros sem a menor delicadeza e pude ver que estávamos no jardim da frente da mansão. Depois de um tempo me carregando, ele me jogou no gramado, circundado pelo pátio de pedra onde algumas estátuas deterioradas jaziam a nossa volta. Estávamos próximos de uma estátua em questão, que era uma das mais belas e a única que parecia continuar intacta naquele jardim. Era um anjo grande, que segurava um arco e flecha e seu semblante de pedra expressava emoções de quem estava em uma constante batalha.

Philip pegou um pacotinho com enxofre dentro de um bolso de sua batina. Fiquei curiosa sobre o que ia fazer com aquilo, então ele começou a traçar um símbolo estranho no chão. Olhei para ele com repulsa, pois com batina e chapéu preto, parecia-se com o demônio; ambos uma verdadeira blasfêmia.

Ele terminou de fazer o símbolo no chão de pedra próximo ao gramado de onde eu estava, e começou a acender algumas velas. Ele caminhou de forma imponente até o carro, assobiando uma canção que eu desconhecia. Quando voltou, em suas mãos havia um cálice dourado e um punhal de prata. Ele deixou os instrumentos no chão e enquanto assobiava, eu me sentia cada vez mais apavorada e não havia nada que pudesse fazer amarrada daquele jeito. Philip se

virou e sorriu, caminhando em minha direção, agarrou-me pelo braço e usou as cordas que estavam nos meus braços para me prender à estátua de anjo cheia de lodo em frente ao círculo de enxofre.

— Isso não vai dar certo, não se pode barganhar com essas criaturas — disse assustada e ele sorriu como se não estivesse ouvindo.

— O que uma garotinha do ensino médio como você saberia, hein? Pesquisei a minha vida toda sobre isso, vou me livrar dessa maldição e será hoje, com o seu sangue! — Ele pegou o punhal e fez um corte profundo no meu braço, o sangue jorrou e caiu no cálice dourado que ele segurava nas mãos. — Hoje é o dia que encerrarei meu tormento. Ofereço-lhe o sangue do meu sangue, carne fresca e virgem para você em troca de minha liberdade. — Philip jogou o sangue no círculo e um redemoinho negro começou a crescer, levantando as folhas e poeiras do jardim.

Meu braço latejou e continuou sangrando, tentei me soltar, mas era inútil, as cordas estavam muito apertadas. O desespero cresceu em meu peito, queria sair dali, gritar e pedir ajuda. Mas não havia ninguém por perto, as lágrimas começaram a inundar meus olhos e só conseguia pensar que aquele seria o meu fim. Pisquei tentando afastar as lágrimas e ver o que estava acontecendo, mas a poeira não me deixava ver nada, depois de um tempo, algo tomou forma dentro do círculo, era o demônio vestido de padre, mas em sua forma grotesca. As mãos só tinham dois dedos longos e a pele era vermelha, o odor que exalava era forte e suas unhas grandes apontavam na direção de Philip.

— Como ousas me invocar? — bradou a criatura. Havia certo divertimento na sua voz e Philip estremeceu um pouco

— Como disse, sei que a família Washington tem um débito com você. Vim pagá-lo, mas com a vida desta garota. — O demônio voltou seu olhar para mim e passou a língua nos lábios, uma flama de desejo inflamava seu olhar.

— Sabe das condições... — a criatura murmurou e Philip assentiu, caminhando até mim.

— Sim, ela é toda sua. — Philip soltou a corda do anjo de pedra e começou a me arrestar em direção ao círculo onde a criatura estava, comecei a me debater e xingar, gritando para que parasse.

— Por favor, não faça isso, podemos quebrar essa maldição juntos — gritei desesperada, até que escutei outra voz além da minha.

— Solte-a agora. — Era a voz de Alex, eu tinha certeza.

Olhei assustada por cima do ombro e avistei-o com uma arma nas mãos, tia Annabel vinha logo atrás com um machado, ao lado do padre August que tinha uma adaga de prata parecida com a de Philip em mãos.

— Se afastem... Virginia será minha libertação e vocês não podem impedir! — Philip falava com a voz assustada e percebi que está tremendo muito, enquanto continuava segurando a corda, impedindo-me de fugir.

— Philip... August e eu descobrimos quem você é... — tia Annabel fez uma pausa e começou a se aproximar. — Seja o que for que você pensa ter descoberto, não é verdade. Você realmente foi fruto de um grande amor da minha vida e sim, eu fiz um pacto com essa criatura nefasta, mas o débito já foi pago. — A voz dela era triste e percebi que realmente estava arrependida e dizia a verdade, pois conhecia minha tia melhor do que ninguém.

— Como? Eu ainda estou vivo... não minta para mim! — Philip gritou e puxou meu cabelo, fazendo-me ficar ereta, enquanto eu olhava para os outros assustada, ele aproximou o punhal do meu pescoço.

— O débito foi pago sem aviso e por quem eu mais amava. Seu pai... ele o queria tanto quanto eu, por isso fiz esse pacto, mas o demônio o levou assim que você nasceu, uma vida pela outra. Esse era o preço a se pagar. — Tia Annabel tinha lágrimas nos olhos e Philip parecia incrédulo com toda a situação.

— Então por que me abandonastes? Você é uma mentirosa! — Philip esbravejou, encostando o punhal no meu pescoço e fazendo um filete de sangue escorrer pela minha pele.

— Porque todas as vezes em que eu olhava para você, eu me lembrava do seu pai... Eu não conseguia parar de culpá-lo pela morte dele e culpar a mim mesma também. Eu estava enlouquecendo e a melhor forma que encontrei de me reerguer, foi deixá-lo viver longe de mim. — Tia Annabel estava chorando e parecia desesperada, seu rosto era pura dor e eu imaginei que as lembranças fossem dolorosas demais para ela.

— Isso é mentira... não... — ele soltou o punhal, que caiu no chão e voltou a me arrastar pela corda, olhou-me mais uma vez e me empurrou para o círculo, mas uma parede invisível impediu que eu ultrapasse. — Mas o que?

O demônio riu alto e sua risada era assustadora, uma chuva forte começou a cair e os raios e trovões tomaram conta do céu. Um raio caiu bem próximo de Philip, que assustado soltou a corda e olhava abismado para a criatura. Afastei-me devagar enquanto Philip estava distraído e Alex me ajudou, puxando-me para si. Ele se apressou a terminar de desatar os nós em meus pulsos.

— Você está bem? — perguntou preocupado e eu apenas assenti por não conseguir proferir uma resposta.

— Você foi embora, Vi, poderia ter esperado por mim. Ficamos preocupados e só conseguimos te achar porque algumas pessoas a viram caminhando na direção da mansão. — O semblante dele era severo e me fez sentir culpa.

— Desculpa, eu só não queria que ninguém sofresse — murmurei desanimada e ele apenas apertou minhas mãos e assentiu, pois nossa atenção foi rapidamente desviada pelo que acontecia.

— O que está acontecendo? Por que você está aqui, criatura, se não lhe devemos nada? — padre August perguntou, aproximando-se do círculo.

— Porque ainda há um débito — a criatura respondeu e apontou o dedo.

Quando olhei na direção apontada, avistei tia Annabel. Fiquei confusa e ela caminhou, passando por mim e chegando até o círculo, onde ela ultrapassou a barreira facilmente.

— Eu menti sobre algo, Virginia, e lamento muito... eu sou sua mãe. É por isso que minha irmã nunca está aqui, eu não poderia lidar com mais uma criança. Você foi o erro de uma noite e eu sequer lembro o nome de seu pai. Você foi minha segunda filha e eu fiz um segundo pacto para que você vivesse, mas sabia que o preço seria cobrado — ela falou com pesar e eu engoli em seco.

— Mas você disse que a vovó tinha... — Minha voz morreu, pois entendi que tudo aquilo foi mentira, vovó não havia sonhado com nada, foi tia Annabel... ela pesquisou sobre nossa família e sabia do ritual.

— Sinto muito, filha, eu não poderia ser a mãe que você merece, mas agora posso fazer a coisa certa. O débito está pago... e peço, Virginia, que não queime esta casa, ela não está assombrada, nunca esteve. As pessoas que habitaram-na tinham seus próprios demônios e suas mentiras lhe causaram suas próprias tragédias. — E assim suas últimas palavras se perderam ao vento, pois um raio caiu sobre o círculo e tia Annabel desapareceu juntamente com o demônio.

As nuvens se abriram aos poucos e Philip chorava copiosamente no chão. Percebi que eu também chorava, estive o tempo todo com a minha mãe, mas nunca soube a verdade. Herdei uma herança maldita de família, uma atração por pactos e contatos com criaturas estranhas, mas agora era a única responsável para encerrar aquele ciclo.

— Vamos queimar tudo... — falei com firmeza e Philip me olhou assustado.

— Está louca? Ela disse não! A-além do mais, so-somos irmãos... e isso é nossa herança — ele gaguejou e olhou para a mansão com um fascínio doentio estampado na retina.

Philip tinha a mente muito fraca, percebia isso por conta do que fizera comigo. Ou que pretendia fazer. Eu não estava disposta a correr o risco de deixá-lo se apossar da mansão, pois tinha certeza de que poderia fazer coisas que mais tarde traria sérios problemas a todos nós, por isso encarei-o firmemente.

— Não somos irmãos e você não terá nada disso.

Acenei para Alex que olhou para padre August e juntos foram até um ensandecido Philip e o amarraram, em seguida, levaram-no para o carro. Era a atitude mais sensata no momento, pois meu “irmão” não estava nada bem, psicologicamente falando.

Enquanto isso, aproveitei para entrar na mansão e pegar alguns porta-retratos, o colar com uma única gota de esmeralda de Annabel — agora soava estranho chamá-la de tia, assim como de mãe — e algumas roupas que eu gostava muito. Depois, com a ajuda de Alex, joguei querosene por todos os cômodos. Nós tínhamos um estoque desse produto, pois Annabel gostava de limpar os vidros com querosene, dizia que ficavam mais polidos. Então, finalmente deixei que o fogo consumisse a mansão. Estava na hora de derrotar os monstros, porque mesmo que aquela casa não fosse assombrada, havia papéis e segredos ali que precisavam ser esquecidos.

9
Seguindo em frente

Alex e eu continuamos indo ao colégio, a notícia de que Annabel havia morrido queimada na mansão se espalhou e muitos colegas de classe que me ignoravam, começaram a me tratar com piedade, o que me deixava estressada, mas não podia fazer nada a respeito.

Continuei morando com padre August até completar minha maioridade. Ele era muito bondoso e como eu não tinha mais casa, foi um alívio ter onde ficar. Enquanto isso, Alex e eu estávamos firmes e fortes em nosso namoro e tínhamos planos para o futuro. Philip foi internado em um manicômio, não porque queríamos, mas porque ele próprio tentou se cortar algumas vezes e por ser considerado instável, nós resolvemos que ele precisava descansar um pouco da vida em sociedade.

Ocasionalmente eu o visitava, mesmo nutrindo certo rancor por ele ter tentado me matar. Precisei aprender um pouco sobre perdão para conseguir visitá-lo e não me arrependo. Nossas conversas se resumiam a Annabel, ele queria saber tudo sobre ela e eu não me importava de me lembrar dos nossos melhores momentos juntas. Ter um meio irmão desconhecido, uma mãe que esteve sempre perto e ao mesmo tempo tão longe, modificou minha forma de ver o mundo e minhas concepções sobre a família Washington.

Alguns meses depois, finalmente Alex e eu conseguimos nossas aprovações na faculdade, ele passou em Direito e eu em Jornalismo, ambos na *Yale*. Acho que contar histórias talvez seja realmente o meu ofício; enquanto escrevo estas palavras, tento colocar todos os sentimentos e coisas estranhas que me circundaram em *West Hill* naquele período. Ainda não sei ao certo se tudo aquilo que vivi foi real ou se boa parte foi fruto da minha imaginação, mas Alex e eu concordamos em não falar deste assunto, afinal enterramos essas lembranças.

Em minha concepção, eu só posso dizer que o mal está sempre à espreita, seja onde for, em uma cidade pequena ou grande, em uma casa ou um apartamento. Estamos todos suscetíveis a nos perder em meio às trevas, somente com o amor,

e a coragem, poderemos resistir e vencer essa batalha diária do bem contra o mal.

EPÍLOGO
Por Alex

Era tarde da noite, Virginia dormia tranquilamente no sofá do nosso apartamento, enquanto eu continuava estudando para a prova do dia seguinte. Fiz uma pausa para um lanche e ouvi a campainha tocar. Não estava esperando ninguém, mas poderia ser algum colega de classe, então atendi sem hesitar.

Quando abri, o corredor estava vazio, não havia ninguém e aquilo era estranho. Será que eram crianças que viviam naquele andar me pregando uma peça? Fechei a porta e voltei para a sala, terminei de estudar e resolvi que precisava dormir pelo menos por algumas horas.

Fui para o quarto e me aconcheguei à Vi, adorava o cheiro de lavanda que o cabelo dela exalava. Puxei-a para os meus braços e ouvi o telefone fixo tocar. Surpreso e com preguiça, fiz hora e esperei parar, mas nunca terminava. Levantei e Virginia também acordou um tanto sobressaltada. Fui até a sala e atendi ao telefone.

— Alex, sou eu, padre August. — A voz dele parecia descompassada como se estivesse correndo.

— Está tudo bem, padre? — perguntei temeroso.

— Não... Fui ao manicômio hoje, Philip fugiu e foi visto por algumas pessoas... mas o pior não é isso... — ele fez uma pausa e eu senti meu estômago dar cambalhotas.

— O que pode ser pior que isso? — perguntei apreensivo, temendo a resposta.

— Ele está indo atrás de vocês e algumas pessoas disseram que os olhos dele estavam completamente negros. — A linha caiu assim que padre August terminou de falar.

Virei-me para falar com Virginia, mas arquejei assustado quando vi Philip logo atrás de mim. Virginia estava caída no chão atrás dele, parecia desmaiada, mas ainda respirava, o que me fez suspirar, mas eu só estaria aliviado quando

conseguisse chegar até ela.

Peguei um dos abajures da sala e me virei para enfrentar a criatura, mas ela tinha desaparecido. Não havia mais sinal de qualquer presença naquela casa. No entanto, uma mensagem na parede foi deixada, escrita com sangue, que me fez estremecer:

“ O filho que ela carrega não viverá.

Vocês sabem o que devem fazer.”

F I M

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a escrever esta história, em nenhum momento imaginei que ela tomaria uma forma física e ganharia um final totalmente novo, com cenas extras e melhor trabalhadas. Foi um imenso prazer me reconectar ao projeto, afinal, é sempre bom rever personagens tão queridos. Por este motivo, agradeço especialmente à Constelação Editorial, por me deixar repaginar a história e sentir que ela finalmente ficou pronta.

Esta obra também obteve um incentivo especial dos leitores, esses seres fantásticos que leram a primeira versão e mesmo amando a Virginia, apontaram-me alguns detalhes significativos que me fizeram crescer não só como escritora, mas também como crítica. A vocês que leram esta história em primeira mão, muito obrigada pelo carinho e atenção.

Eu também não estaria tão empenhada e feliz com esse projeto sem o apoio incondicional daqueles que realmente são parte importante e necessária da minha vida. Um agradecimento especial para os meus pais, Kátia e Reginaldo, por me ensinarem a ser uma pessoa melhor e uma escritora também. Agradeço também aos meus amigos: Ítalo Braga, Nordeci Gomes, Eleonora Luz, Letícia Godoy e Natan Falquetto. Vocês estão sempre ao meu lado e todo apoio que recebo, transforma-se em inspiração. E eu não poderia esquecer o meu anjo e companheiro, Victor Luz, que me apoia em minhas ideias mais loucas e por vezes me auxilia quando falta imaginação. A você, toda minha gratidão e amor.

E por fim, agradeço a você que está lendo esta mensagem. Provavelmente acabou de terminar a história da Virginia e só por ter dedicado o seu tempo a este livro, conseguiu encher meu coração de alegria. Espero que ao ter lido a última página, você tenha entendido que a fé reside principalmente em nós mesmos e na vontade que temos de continuar vivendo, mesmo que a vida, às vezes, possa ser de difícil compreensão.

Cordialmente,

VIVIANNE SOPHIE

Notas

[←1]

Medicamento para dormir.

PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

Contracapa
Ficha catalográfica
Dedicatória
Citação
Prólogo
1 - Anestesiada
2 - Promessas de um futuro bom
3 - Odeio chuvas
4 - Revelações
5 - Baile de inverno
6 - Tocada pelas sombras
7 - A melhor e a pior noite da minha vida
8 - Lutando contra monstros
9 - Seguindo em frente
Epílogo
Agradecimentos
Notas